

Manipulando cabelos e identidades: um estudo com mulheres negras em Santa Maria-RS¹

Karen Tolentino de Pires

Mestra em Ciências Sociais – UFSM
karen.ef@hotmail.com

Maria Clara Mocellin

Doutora em Ciências Sociais – UNICAMP
Prof^a. do Depto. de Ciências Sociais – UFSM
claramocellin@gmail.com

RESUMO

O presente estudo aborda o cabelo da mulher negra na cidade de Santa Maria/RS, como um sinal diacrítico de negritude. Trata-se de um estudo etnográfico realizado em dois ambientes: o Salão de Beleza da Angelita e o Museu Treze de Maio. No primeiro, prevalecem os cabelos alisados e, no segundo, os crespos. Este estudo demonstrou que a variável geracional explica, em parte, algumas escolhas por manipulações de cabelo. As mulheres mais velhas apresentavam dificuldades em utilizar o cabelo crespo natural. Em contrapartida, as mulheres mais jovens eram as que mais experimentavam diferentes tipos de manipulação e as que assumiam os crespos naturais. Este estudo também demonstrou que o cabelo está relacionado à trajetória e à experiência de vida dessas mulheres, bem como à boa aparência para o trabalho e a uma estética associada a espaços de sociabilidade negra.

Palavras-chave: Cabelo; Mulher negra; Negritude.

1. Introdução.

O cabelo tem um significado importante quando se tem como propósito apreender e especificar uma cultura. Para Lody (2004), tocar a cabeça, pentear os cabelos, organizar esteticamente penteados são atividades tão antigas e tão importantes como as mais notáveis descobertas do homem. As diferentes formas de manipulação do cabelo podem ser consideradas sinais diacríticos (Barth, 2000), que servem para diferenciar determinados grupos sociais. Nota-se que africanos ou descendentes destes espalhados pelo mundo afora buscam constantemente um reconhecimento identitário, que pode ser visto na forma de usar o cabelo, como é o caso do *black power*, das tranças rastafaris ou nagô, dos turbantes etc. Os cabelos e os penteados assumem para o africano e os afrodescendentes a importância de resgatar, pela estética, memórias ancestrais, memórias próximas, familiares e cotidianas (LODY, 2004).

¹ Este artigo é resultado da dissertação de mestrado “Crespa ou Alisada: os diferentes significados da manipulação do cabelo afro entre mulheres negras da cidade de Santa Maria-RS”, de autoria de Karen Tolentino de Pires, sob a orientação da professora Dra. Maria Clara Mocellin.

Para pensar as relações interétnicas e a racialização para a América Latina, Sansone (2007) lança a tese de uma tradição de casamentos mistos, muito difundidos entre pessoas de fenótipos diferentes, por um continuum racial ou de cor, por uma cordialidade transracal nas horas de lazer entre as classes mais baixas, por uma longa história de sincretismo no campo da religião e da cultura popular, por uma organização política relativamente fraca com base na “raça” e na etnicidade. E, na tentativa de definir a especificidade relativa das culturas e identidades negras, sobretudo para o caso brasileiro, Sansone (2007) acredita que a cultura negra pode ser definida como uma subcultura específica de pessoas de origem africana dentro de um sistema social que enfatiza a cor, ou a ascendência a partir da cor, como um critério importante de diferenciação ou de segregação das pessoas (SANSONE, 2007). Chamando a atenção para o perigo de essencializar a diferença, Sansone (2007) coloca que, no Brasil, a negritude não é uma categoria racial fixada numa diferença biológica, mas uma identidade racial e étnica que pode se basear numa multiplicidade de fatores, entre eles, o modo de administrar a aparência física negra, o uso de traços culturais associados à tradição afro-brasileira (em particular na religião, na música e na culinária), o status ou uma combinação desses fatores.

Nos ambientes de trabalho, nas escolas e universidades, bem como em outros lugares, é fácil constatar que as pessoas negras formam vínculos e grupos. E a cor, assim como os traços negroides, são alguns dos elementos que une tais grupos, da mesma maneira que os diferencia dos demais e, por conseguinte, estabelece fronteiras. Barth (2000) lembra desse aspecto quando define que os grupos étnicos são categorias de atribuição e identificação empregadas pelos próprios autores, com o objetivo de organizar as interações entre as pessoas.

Desde o final da década de 1960 e o início de 1970, o movimento *Black Power*, criado nos Estados Unidos, trazia questões relacionadas à igualdade racial, ao empenho pelos direitos civis e à conscientização da autoestima dos negros. Em relação à autoestima, envolvia a aceitação do seu estereótipo e, por conseguinte, do seu cabelo (COUTINHO, 2009). Porém, hoje, quando se fala em *black power*, ele é mais relacionado ao penteado do que ao próprio movimento ativista. Contudo, a música, a dança e o corpo negro, no caso, a estética negra, relacionam de forma indireta o *black power* à valorização da negritude e aos movimentos ativistas. Na mesma época – início dos anos 70 -, no Rio de Janeiro, surgiram os movimentos *soul*, *black-rio* ou *black-music*, que construiu sua identidade com base em símbolos da cultura negra norte-americana, em particular no *soul* (GIACOMINI, 2006). A juventude negra de Salvador, em busca de afirmação cultural e modernidade, entrou em conexão com a onda mundial da música negra norte-americana (PINHO, O., 2005). O que se pode muito aproximadamente chamar de ‘culturas’ *funk*, *reggae* e *soul* tiveram um papel determinante como coparticipantes do processo mais amplo da reafrikanização (PINHO, O. 2005).

A reafrikanização² tem como base uma conjuntura, sobretudo de corpo, música, estética e dança. Paul Gilroy (2001) observou que os negros apropriaram-se da música para expressar suas vivências no Atlântico Negro, quando ainda eram escravos carregados nos navios negreiros. A música era um dos únicos recursos que essa população discriminada encontrava para expressar seus anseios e denunciar os problemas que envolviam a então autodenominada “raça” (PEREIRA, 2011). No mesmo período – década de 1970 -, artistas como Wilson Simonal e Tim Maia difundiram o *Movimento Black Power* no Brasil (COUTINHO, 2009). Portanto, percebe-se que, assim como os

² Segundo Sansone (2007:94), o processo de reafrikanização pelo qual a cultura afro-baiana passou, nas últimas três décadas, inclui uma exibição ostensiva de símbolos associados a “raízes” africanas, em certos aspectos da vida social, particularmente no lazer e nos meios de comunicação de massa.

movimentos sociais e a mídia, a música também possui grande influência na escolha pela utilização de determinado tipo de cabelo.

Risério (1981) toma o bloco Ilê Aiyê como uma música negra relevante para o país, uma vez que o Ilê foi o inspirador da africanização do movimento cultural negro, desde o final dos anos 1970 (AGIER, 2001). Corroborando essa descrição, Pinho, P., (2004) enfatiza que o bloco Ilê Aiyê é o pioneiro da reafrikanização no Brasil, sobretudo na Bahia, por ter em sua tradição um embasamento apenas de países africanos, sendo que as letras das músicas vangloriam a África. Nos seus sambas e roupas de carnaval, os membros do Ilê Aiyê impõem o desejo de autenticidade de sua identidade cultural (AGIER, 2001) e, assim, melhoram a autoestima da negritude brasileira. Uma das características mais importantes da “reafrikanização” talvez não tenha sido a de provocar a mudança de atitude no outro, como o fez em grande escala, mas, sobretudo a de obter esse resultado pelo fomento do orgulho da origem negra nos negro-mestiços baianos (ALMEIDA, 2010). Mais preciso talvez fosse dizer que o Ilê Aiyê faz política pela via da cultura (ALMEIDA, 2010). A partir do processo de reafrikanização, a mídia - finalmente – também começou a admitir que o Brasil tem uma imensa população negra e mestiça (SANSONE, 2007), e até os dias atuais, a música é um dos principais utensílios para o discurso de uma identidade negra.

Quando a mulher utiliza o cabelo de determinado estilo, ela está assumindo pertencimento a um grupo social, pois o que é considerado belo ou não está estritamente relacionado com a cultura compartilhada em determinada sociedade (QUEIROZ; OTTA, 2000).

Um dos elementos que mais incomoda, tanto ao branco quanto ao próprio negro, é a história do cabelo (COUTINHO, 2009), a ponto de cabelo ruim ser uma denominação usada para aqueles (as) que possuem ancestralidade negra ou africana (SANTOS, 2009). Sendo assim, diversas denominações a respeito do cabelo das pessoas negras são ditas nas manifestações de racismo. E, por meio, desse preconceito é observada a tentativa de embranquecimento, principalmente da mulher negra, para ser aceita pela sociedade, pois os pré-requisitos de uma boa aparência são ser jovem, branca e ter o cabelo “liso” (COUTINHO, 2009). Por isso, o cabelo vem sendo reprimido, na tentativa de enquadramento em padrões sociais eurocêntricos (FELIX, 2010), já que, ao realizar a aplicação de *mega hair* e fazer alisamento, as negras permitem que seus cabelos fiquem semelhantes aos cabelos das mulheres brancas: longos e lisos. No entanto, estamos em um momento que muito se articula a respeito da utilização do cabelo crespo natural (GOMES, 2006) e, a partir disso, salienta-se que a aparência física, o porte e os gestos também têm sido meios pelos quais os negros, como população racializada, reconhecem a si mesmos e, na tentativa de reverter o estigma associado à negritude, tentam adquirir status e recuperar a dignidade (SANSONE, 2007). O cabelo é um desses sinais diacríticos que podem ser utilizados para essa mudança de status, pois é visto como uma marca ou sinal que melhor e mais decididamente que qualquer outro expressaria – ou negaria – o orgulho negro. Trata-se de um ato de politização do cabelo, a generalização de uma leitura política do penteado: o penteado transformado em manifesto (GIACOMINI, 2006). No início do século XXI, juntamente com a eclosão de políticas afirmativas, o negro retomou o debate acerca da estética negra, na qual enfatizava que o cabelo natural do negro também é belo e que este deve aceitar-se e não buscar enquadrar-se nos padrões eurocêntricos. Gomes (2006) afirma que o presente momento configura todo um “movimento de recriação de padrões estéticos”. Segundo Coutinho (2009), no Brasil, temos assistido, ao longo dos anos, o crescimento de uma estética negra com uma valorização positiva de aspectos fenótipos “naturais”.

Nota-se que o cabelo é uma forma das pessoas negras expressarem sua negritude. Da mesma maneira, por meio dele podem-se perceber sentidos contrários. Neste estudo, procura-se pensar o

cabelo como um sinal diacrítico, mostrando os significados que estão envolvidos nas distintas formas de manipulação capilar.

2. A manipulação do cabelo como objeto de estudo.

É constante o debate sobre o cabelo manipulado, se a pessoa fica melhor lisa ou crespa, com tintura ou sem tintura ou, ainda, se uma mulher em destaque na mídia ficou bem com tal mudança. A aparência, própria e a dos outros se instaura como um tema constante de conversas entre diferentes grupos (GIACOMINI, 2006) e, como veremos neste estudo, entre as mulheres que compõem o universo desta pesquisa.

Conforme Pires (2015), em seu estudo sobre o cabelo afro, várias discussões acerca das distintas manipulações despertaram o seu interesse para repensar o cabelo sob um viés antropológico, visto que ele constitui um dos principais símbolos da identidade negra, decodificador da pertença étnica racial (MONTEIRO, 2008). A escolha pela utilização de distintas formas de manipulação, como a utilização do *black power* e dos alisamentos, está imbricada de significados importantes, que trazem dados para refletir sobre as relações raciais.

Constata-se, dentro do Movimento Negro, um debate sobre como os negros devem manipular os seus cabelos. Para esse movimento, o negro que tem orgulho da sua condição aceita as suas origens, a sua cultura e seus traços físicos, como o formato do seu nariz e da sua boca, a cor da sua pele, a textura dos seus cabelos. Nesse sentido, para o Movimento Negro, o negro que aceita as suas origens utilizaria o seu cabelo natural. No entanto, as mulheres negras alisadas discordam dessa proposição.

A posição do Movimento Negro em relação à manipulação do cabelo é de que esta deve ser uma escolha individual e nunca uma imposição da sociedade, seja nas interações familiares e de amizade ou no mundo do trabalho. No entanto, isso não ocorre bem assim, pois, mesmo que em seu discurso o Movimento Negro alegue não diferenciar as mulheres de acordo com suas manipulações de cabelo, elas sentem-se diferenciadas.

Permanecem as questões acerca dos motivos que levam as mulheres a escolherem manipular o cabelo de tal forma, diante de tantas outras manipulações disponíveis. O interesse em estudar o cabelo da mulher negra, se deveu principalmente aos significados que estavam envolvidos nesse processo. Com este estudo, pretende-se compreender os diferentes significados associados à escolha por diferentes modos de manipular o cabelo. Para tanto, consideramos que tal escolha pode estar relacionada a um estilo de vida e a uma estética negra, bem como à geração, à classe social ou ao mundo do trabalho em que essas mulheres estão inseridas.

Trata-se de um estudo qualitativo de caráter etnográfico, com observações em dois espaços de sociabilidade negra em Santa Maria³: o Salão de Beleza da Angelita e o Museu Treze de Maio⁴. Também foram realizadas observações em outros ambientes de sociabilidade negra, como em espaços em que ocorriam pagodes e em uma escola de samba. A escolha desses ambientes ocorreu pelo fato de serem diferenciados por distintas formas de manipulação do cabelo, uma vez que, no Museu Treze de Maio, acentuam-se os cabelos crespos e as tranças afros e, no Salão da Angelita, os cabelos manipulados com alisamentos e *mega hair*. Nesse sentido, a estratégia de

³ Santa Maria é uma cidade de porte médio, situada na região central do Rio Grande do Sul. Possui uma população de 261.031 habitantes, conforme o censo de 2010 do IBGE.

⁴ O Museu Treze de Maio era um clube social negro em Santa Maria, fundado em 1903. Em 2001, transformou-se em Museu comunitário voltado para processos de sociabilidade e afirmação do protagonismo negro (Weber, 2014).

campo aqui utilizada⁵ foi percorrer diferentes espaços de sociabilidade em que as mulheres negras circulavam, para assim poder praticar uma das principais habilidades de um etnógrafo, o estar junto com essas mulheres no seu cotidiano (RECHENBERG, 2012). No entanto, em diversas ocasiões observou-se que esses ambientes se conectavam, pois muitas dessas mulheres possuíam uma relação com ambos.

O presente trabalho tomou como universo de pesquisa vinte e três mulheres, entre elas dez que frequentavam o Salão de Beleza da Angelita e treze que frequentavam o Museu Treze de Maio. O trabalho de campo foi realizado entre julho de 2013 e julho de 2014, período em que houve o convívio frequente com elas no Salão da Angelita, no Museu Treze de Maio e em outros espaços de sociabilidade negra, como alguns pagodes e ensaios de uma escola de samba. Com onze das vinte e três mulheres foram realizadas entrevistas semiestruturadas.

3. Etnografia do Salão da Angelita.

Angelita é uma mulher negra, tem 43 anos de idade, é especialista em alisamento e *mega hair* e é muito conhecida em Santa Maria em consequência da sua profissão. Com o seu trabalho como cabeleireira mantém a sua vida e a do seu filho. Conseguiu recentemente adquirir uma casa própria e montar um novo salão bem mais equipado que os anteriores. Angelita possui um conhecimento técnico e uma habilidade desenvolvida ao longo de 15 anos manipulando cabelos afros. Tem um número significativo de clientes e costuma utilizar produtos profissionais que potencializam a ação esperada nos cabelos.

O Salão da Angelita se caracteriza pela descontração: ela está sempre de chinelos e camiseta. Os horários não são seguidos à risca, as clientes conversam umas com as outras e, às vezes, tomam chimarrão. Em alguns salões de beleza, os profissionais utilizam uniforme, maquiagem e há, geralmente, uma recepção que faz a mediação dos profissionais com os clientes, atribuindo uma formalidade ao ambiente. De maneira oposta, no Salão da Angelita, esta geralmente trabalha de cabelo preso, sem maquiagem, bem à vontade, e as relações pessoais predominam nas interações entre ela e as clientes. Quando as clientes pagam a cabeleireira, ela discretamente coloca o dinheiro no sutiã e não conta a quantia que lhe foi dada, demonstrando assim uma relação de confiança.

A escolha do Salão da Angelita para realizar as observações de campo deve-se a sua popularidade e ao seu conhecimento acerca da manipulação dos cabelos afros, bem como ao grande número de clientes negras santa-marienses que frequenta o salão. A maioria das clientes da Angelita é negra, possui cabelos cacheados e crespos e dirige-se ao salão com o intuito de alisá-los.

A clientela da Angelita é muito diversificada em relação à faixa etária, visto que a idade das mulheres variava de vinte a setenta anos. No contexto geral, as mulheres compareciam ao salão da Angelita bem despojadas; a linguagem que utilizavam era informal e espontânea. Eram mulheres oriundas de estratos médios e baixos da população. Quanto à escolaridade, algumas possuíam ensino superior, mas a maioria possuía ensino fundamental ou médio. A maior parte das clientes conhecia o Museu Treze de Maio e já tinha tido ligação com esse espaço cultural. No

⁵ Como já mencionado anteriormente, este artigo é resultado da dissertação de mestrado “Crespa ou Alisada: os diferentes significados da manipulação do cabelo afro entre mulheres negras da cidade de Santa Maria-RS”, de Karen Tolentino de Pires. Nesse sentido, os dados aqui trabalhados foram obtidos por Pires (2005) durante o seu trabalho de campo, realizado entre julho de 2013 e julho de 2014.

entanto, eram raras as mulheres que frequentavam o salão da Angelita e eram ligadas ao Movimento Negro. A maioria delas estava conectada às escolas de samba de Santa Maria, mesmo que, no caso de algumas, fosse apenas na torcida.

4. Etnografia no Museu Treze de Maio.

A Sociedade Cultural Ferroviária Treze de Maio foi um clube criado por ferroviários negros em 1903, motivados, principalmente, pelo fato de não terem acesso aos clubes sociais da época (WEBER, 2014). Na década de 1990, o clube entrou em decadência e, a partir de então, um grupo de ativistas negros se propôs a revitalizar esse espaço e a transformá-lo em um museu de caráter comunitário. Em 2001, foi então criado o Museu Treze de Maio. Ele representou um marco para o início da reconstrução e para a ressignificação da Sociedade Cultural Ferroviária Treze de Maio, visto que a criação do Museu foi uma forma encontrada para salvaguardar o patrimônio do antigo clube (WEBER, 2014).

O Museu Treze de Maio pode ser visto como um contraponto ao Salão da Angelita, no que se refere às manipulações capilares, já que, no primeiro, prevalecem os cabelos crespos, trançados e *black power*.

As atuações dos membros da diretoria são de extrema importância para o Museu Treze de Maio, mas o que move e impulsiona esse espaço são as oficinas, pois elas atraem as pessoas e fazem com que ele seja mais dinâmico. As oficinas realizadas no Museu Treze de Maio que compuseram o universo deste estudo foram: a Companhia de Dança Afro Euwá Dandaras⁶, a Companhia do Samba⁷, a Juventude Negra Feminina de Santa Maria⁸ e a Companhia do Axé⁹.

A maioria das mulheres pertencentes ao Museu Treze de Maio é oriunda de estratos baixos e médios. Algumas delas ingressaram no ensino superior em nível de graduação e de pós-graduação beneficiando-se do programa de cotas para afrodescendentes¹⁰. A maior parte das mulheres que ingressaram no ensino superior pertencia ao movimento negro, sendo que duas delas, atualmente, são professoras universitárias.

No Museu Treze de Maio, observou-se que o Movimento Negro não tem uma posição homogênea quanto à manipulação capilar. A maioria dos integrantes da geração mais nova do Movimento

⁶ A Companhia de Dança Afro Euwá Dandaras é um grupo de dança afro de Santa Maria que tem suas oficinas sediadas no Museu Treze de Maio, desde a revitalização deste, em 2001. Elas acontecem duas vezes por semana, e seus integrantes são, em sua grande maioria, jovens negros. As aulas são acompanhadas com percussão e baseadas em ritmos afro-brasileiros.

⁷ A Companhia do Samba é um grupo de bailarinos de samba de Santa Maria. As oficinas foram sediadas no Museu Treze de Maio de outubro de 2012 a março de 2014, quando foram extintas. Elas aconteciam duas vezes por semana e possuíam, em média, 30 integrantes.

⁸ A Juventude Negra Feminina de Santa Maria é um grupo formado exclusivamente por mulheres negras que visam ao empoderamento e fortalecimento da identidade negra, através de diálogos, discussões, bem como da atuação em movimentos sociais. Fonte: disponível em:

< <https://www.facebook.com/JuventudeNegraFemininaDeSantaMariaRs/?fref=ts>>

⁹ A Companhia do Axé é um grupo de dança de axé criado em 2014. Tal grupo teve uma duração curta, de apenas três meses, e suas oficinas eram realizadas no Museu Treze de Maio duas vezes por semana.

¹⁰ Através da aprovação do Programa de Ações Afirmativas de Inclusão Racial e Social em 2007, a Universidade Federal de Santa Maria - UFSM passou a destinar um número específico de vagas para afro-brasileiros, para alunos que cursaram todo o ensino fundamental e médio em escolas públicas, para portadores de necessidades especiais e para indígenas, tendo em vista a necessidade de democratizar o acesso ao Ensino Superior público no país. Fonte: Disponível em: < <http://sites.multiweb.ufsm.br/afirme/>>

Negro santa-mariense é contra as manipulações químicas. Já a posição de uma integrante do movimento negro (de uma geração mais velha) é de discordância de tais imposições. Portanto, há posições distintas em relação aos crespos, pois, para alguns, somente os crespos naturais são aceitos como símbolo de negritude, enquanto outros aceitam a manipulação química dos crespos “para definir melhor os cachos”.

Durante este estudo, percebeu-se que a forma de manipular o cabelo da mulher negra não é livre, pois a mesma é recriminada ao alisar e também sofre preconceito ao utilizar o cabelo natural. Do mesmo modo, há um questionamento a respeito das mulheres negras que usam o *mega hair* e que pintam o cabelo de loiro. Ou seja, quase toda manipulação capilar que a mulher negra utiliza é motivo de debate.

5. Manipulação de cabelo e relações étnico-raciais em Santa Maria-RS.

5.1 Diferentes formas de manipulação do cabelo afro.

Há um consenso entre as mulheres negras que o cabelo crespo natural é o que não passa por manipulações que utilizam produtos químicos, com exceção da aplicação de tinta capilar. De maneira oposta, para as mulheres brancas, o cabelo natural é o que não passou por nenhum processo químico, sem exceção. Portanto, a expressão “cabelo natural” possui significados diversos e define-se de acordo com o ambiente e o grupo em que está sendo referida. Outra questão que remete à noção êmica de cabelo natural é a de trança nagô. A maioria das mulheres negras considera a trança nagô como natural e o *mega hair* como artificial. Para as mulheres negras pesquisadas, o “cabelo natural” está relacionado a uma conscientização negra, visto que o *black power*¹¹, assim como as tranças, são consideradas um símbolo da negritude.

Pelas observações de campo, no contexto atual, percebe-se uma mudança estética, impulsionada pelo movimento negro e por outros processos de valorização da negritude, que envolve o desejo de algumas mulheres de assumirem o seu cabelo crespo natural. O Movimento Negro teve grande influência no início desse processo. No entanto, outras influências podem ter levado à escolha do cabelo natural, como é o caso de uma estética e de uma performance negra difundidas pelos processos de valorização da negritude e associada aos movimentos sociais e à difusão da música negra.

Percebe-se que a utilização do cabelo natural, principalmente do *black power*, requer um entendimento acerca do seu significado político, uma vez que esse estilo capilar ainda é alvo de preconceito e, por esse motivo, as pessoas que o utilizam são intituladas “mulheres negras de atitude”. Sendo assim, quem possui uma compreensão do sentido político e estético do cabelo afro natural detém mais autoestima para usá-lo, mesmo sendo alvo de preconceito. Cabe salientar que algumas páginas de redes sociais sobre o cabelo crespo e alguns vídeos do Youtube (tutoriais de manipulação do cabelo afro) auxiliam nesse processo de ressignificação do cabelo afro, uma vez que a discussão sobre ele não tem necessariamente uma ligação direta com o Movimento Negro. Os movimentos sociais, o movimento negro, os veículos de comunicação (sobretudo tutoriais, blogs, revistas, músicas), as instituições de ensino superior, dentre outros espaços de

¹¹ *Black Power*: é o cabelo crespo que possui cachos miúdos que são quase imperceptíveis e, em conjunto, resultam em grande volume capilar.

discussão da negritude e das relações étnico-raciais, colaboram na escolha e no uso do cabelo afro natural.

No grupo pesquisado, foi verificado que o relaxamento¹² ainda é utilizado, sobretudo pelas mulheres que possuem o cabelo mais crespo e que almejam deixá-lo mais solto. Nas farmácias e lojas de perfumaria e cosméticos, há vários produtos para relaxamento, alisamento e permanente afro, com valor acessível para a realização da manutenção capilar em casa. Devido, principalmente, a condições financeiras, grande parte das mulheres opta por realizar a manutenção do próprio cabelo. Quem aplica o produto, geralmente, é um membro da família ou amiga, e esse momento, embora exija minuciosidade e responsabilidade, é descontraído, pois há muitas conversas e risadas. Em geral, o dia dessa manutenção capilar é o sábado à tarde, momento em que muitas mulheres não trabalham e em que já realizaram seus compromissos domésticos, como o cuidado da casa e dos filhos.

Pelos dados de campo, as mulheres que fazem manipulações de relaxamento nos cabelos almejam deixar os seus crespos mais soltos, “abrir ou soltar os cachos” e diminuir o volume. O relaxamento seria “o meio termo”, pois esse tipo de manipulação capilar não deixa as mulheres alisadas. Dessa forma, elas mantêm os cabelos crespos, porém, mais soltos. Para essas mulheres, utilizar esse tipo de manipulação não faz com que se sintam menos negras. Contudo, elas sofrem críticas de alguns integrantes do movimento negro, que concebem esse tipo de manipulação capilar como uma atenuação dos traços negroides. Deixar os crespos mais soltos implica também manipular identidades, pois se mantém uma característica do cabelo afro que é ser crespo, aliado a uma característica do cabelo tido como padrão de beleza, que é ter cachos definidos e mais abertos.

O alisamento é uma manipulação química que consiste em transformar o cabelo ondulado, cacheado ou crespo em um cabelo liso. Nas manutenções capilares que apresentavam perigo de danificação dos fios, como o uso dos produtos químicos, havia o medo de estragar o seu cabelo e, por isso, algumas mulheres preferiam ir ao salão. Quase todas as mulheres alisadas pesquisadas realizaram as manipulações de alisamento em salões de beleza. No entanto, quando a manutenção capilar não aponta risco de causar danos ao cabelo, como a hidratação e os produtos caseiros, as mulheres optam por realizar a mesma em casa. Para ser considerada uma alisadora habilitada, é necessário que a mesma seja proprietária ou trabalhe em um salão de beleza. Já uma trançadeira pode realizar seu trabalho em sua casa ou na casa das clientes. Ao contrário das alisadoras, caso uma trançadeira erre na manutenção capilar, o cabelo não é danificado. O trabalho das trançadeiras é mais artesanal, e a possibilidade de trançar em ambientes domésticos facilita o trabalho, pois evita gastos com salões de beleza.

Atualmente, o alisamento é considerado um atenuador dos traços negroides, e as mulheres alisadas são discriminadas por parte de ativistas do Movimento Negro e de mulheres que utilizam o cabelo crespo natural, inclusive pelas “ex-alisadas”.

Embora o fato de o permanente afro¹³ proporcionar um cabelo crespo, grande parte do Movimento Negro critica quem realiza este tipo de manipulação capilar. O discurso da maioria dos ativistas desse movimento, sobretudo das gerações mais novas, é que as pessoas deixam de usar os seus cabelos crespos naturais para agredi-los quimicamente em busca de um cabelo similar ao das pessoas brancas, uma vez que os cachos definidos são encontrados em sua maioria em mestiços e brancos, ao contrário dos cachos miúdos e menos definidos, que, em geral, são

¹² O relaxamento é uma manutenção química que faz com que o cabelo fique menos crespo, principalmente na raiz, além de também diminuir em grande parte o volume do cabelo (Pires, 2015).

¹³ O permanente afro diminui o volume capilar natural, mas não o elimina, uma vez que ele propicia cachos definidos sem que o cabelo perca o volume (Pires, 2015).

características das pessoas negras. No entanto, como já citado anteriormente, não existe uma posição única no Movimento Negro, visto que alguns integrantes do movimento em Santa Maria utilizam o permanente afro.

Por meio deste estudo, percebeu-se que as tranças estão ligadas a duas circunstâncias: a baixa renda e o período de transição. Verificou-se que as mulheres não necessariamente relacionam esse estilo capilar com uma conscientização negra. As mulheres com maior renda que utilizam as tranças, geralmente, estão em um período de transição, sobretudo na fase inicial em que o cabelo está muito curto, ou alisado e crespo simultaneamente e, por isso, não se sentem confortáveis para utilizá-lo naturalmente.

Mulheres brancas e negras utilizam o *mega hair*, mas a crítica relacionada à sua utilização é voltada apenas para as negras, pois o uso deste, assim como do alisamento, é visto como uma negação da negritude. Apenas uma mulher do grupo pesquisado usava o *mega hair*, e isso pode estar associado aos recursos financeiros de que ela dispunha para a manutenção de um cabelo com alongamento. A condição econômica é um dos critérios para a utilização do *mega hair*, pois algumas mulheres deste estudo afirmaram sentir vontade de usá-lo, mas não possuíam condições para tal, em função dos gastos.

O *mega hair* é almejado por muitas mulheres em função do sonho de ter o cabelo comprido. O cabelo comprido também está associado à expectativa de alguns grupos masculinos, que relacionam o cabelo comprido à “mulher sedutora”, à mulher para namorar, para paquerar.

5.2 Cabelo e boa aparência para o trabalho/festas/Museu Treze de Maio.

5.2.1 Alisadas.

As mulheres alisadas que compõem o universo deste estudo utilizavam o cabelo liso para ir ao trabalho e aos ambientes de sociabilidade negra. No máximo, realizavam um *babyliss*¹⁴ nas pontas, mantendo a raiz lisa. Mesmo diante da imposição de que a mulher negra não deve alisar o cabelo por parte do Movimento Negro e, sobretudo, das crespas, percebe-se uma segurança dessas mulheres em utilizar o cabelo liso em todos os tipos de ambientes. Essa confiança pode estar ligada ao padrão dominante que ainda elege o cabelo liso como o padrão de beleza, de cuidado e de boa aparência. Também pode estar associado a outros fatores, como o desejo de ter um cabelo comprido, pois o cabelo liso mostra o real comprimento e não conta com o fator encolhimento¹⁵.

No Museu Treze de Maio, embora essas mulheres sejam consideradas belas, o seu estilo capilar é polemizado, visto que as pessoas perguntam: “Porque não deixa o seu cabelo crespo? Tá bonito assim, mas garanto que crespo ficaria mais ainda!”. Ou, então, comentam a respeito do cabelo alisado da *fulana* ou da *cicrana* com as demais frequentadores do Museu. Nas escolas de samba, as alisadas não sofrem preconceito, visto que o cabelo comprido é muito utilizado pelas passistas. Além disso, nesse ambiente circulam muitos brancos.

5.2.2 Crespas com manipulações químicas e/ou aplicação de *mega hair*.

¹⁴ *Babyliss* é um aparelho que serve para formar ondas ou cachos nos cabelos.

¹⁵ O fator encolhimento é motivo pelo qual os cabelos cacheados ou crespos, em função do formato dos fios, sejam eles em forma de “S”, espiral ou ziguezague, encolhem de 50% a 80% do seu comprimento real.

Por meio deste estudo, percebeu-se como os cachos definidos são considerados o tipo de cabelo crespo ideal. Esse tipo de manipulação capilar era frequente entre integrantes do Movimento Negro, adeptos de religião de matriz africana, passistas de escolas de samba e sambistas em geral. Entende-se que as mulheres podem negociar e experimentar várias formas de identidades, de acordo com o contexto em que estão inseridas, e isso pode ser revelado pelas diferentes formas de manipular os cabelos. Em alguns casos, é perceptível uma diferença dos tipos de manipulação para ir a determinados locais. Isso é notado nos lugares de sociabilidade negra, quando destacam os seus traços negroides. Já quando não comparecem a esses ambientes, os atenuam.

Percebe-se que algumas mulheres apreciam a estética negra, mas possuem uma dificuldade em assumir determinados traços fenótipos negroides, como é o caso do cabelo. Isso está relacionado a um padrão estético predominante na sociedade e nas suas redes de sociabilidade. Contudo, esse padrão estético tem mudado e permitido que, sobretudo, mulheres de gerações mais novas, vivenciem múltiplas identidades, a partir das alternativas de manipulação capilar. Como nos ensina Barth (2000), a identidade não é fixa e sim relacional, e assim sendo pode ser negociada e experimentada de acordo com as situações que mais convém.

Alguns frequentadores do Museu Treze de Maio consideram as crespas que utilizam algum tipo de química ou aplicação de *mega hair* autênticas, pois não utilizam o alisamento. Contudo, há outras posições no Museu Treze de Maio, que as criticam em função de utilizarem manipulações químicas e/ou *mega hair* e, assim, atenuarem os traços da negritude. Nas escolas de samba, essas mulheres não enfrentam preconceito, sobretudo, porque nesse ambiente há um ideal da mulher com um cabelo crespo, solto e longo.

5.2.3 Crespas “naturais”.

Mesmo que algumas mulheres utilizem o cabelo crespo em todos os ambientes que frequentam, em um evento formal, como é o caso de uma formatura, elas preferem adotar um cabelo escovado, ondulado ou com cachos suaves. Prova disso é o capelo, chapéu de formatura que não valoriza o cabelo afro, pois é pequeno e não se molda exatamente ao volume dos cabelos crespos. Dessa forma, em ocasiões formais, o mais usual é, primeiro, escovar os cabelos, para depois fazer um coque, *babyliss* ou algo similar.

A maior parte das mulheres crespas pesquisadas utiliza o *black power* em todos os lugares que frequentam, e quase todas elas possuem ligação com o Movimento Negro. No Museu Treze de Maio, essas mulheres são consideradas autênticas. São elogiadas pela sua atitude em utilizar o cabelo crespo natural e, por conseguinte, por aceitar os seus traços negroides. Nas escolas de samba, não sofrem preconceito, pois embora não estejam enquadradas no padrão capilar ideal dessas escolas, estão em um ambiente de sociabilidade negra, em que os crespos prevalecem. Esse estilo capilar é o que sofre maior preconceito em locais de trabalho, nas ruas, entre outros espaços. Muitas vezes, essas mulheres são vistas com estranhamento e são vítimas de deboche. Por esse motivo, muitas mulheres optam por manipular os seus cabelos com produtos químicos.

5.2.4 Trançadas.

As mulheres trançadas não têm a possibilidade de mudar a estrutura do fio capilar, como com um *babyliss* ou uma escova. Portanto, elas comparecem aos lugares que frequentam com o mesmo estilo; mesmo que tenham feito algum penteado diferente, continuam a ser trançadas. Acredita-

se que esse fato também possa ser um dos motivos de as tranças serem apenas uma fase na vida dessas mulheres, pois elas enjoam do mesmo visual. E isso é comprovado pelo fato de a maioria das mulheres pesquisadas já terem tido sua “fase de trançada”. As mulheres trançadas são minoria nos ambientes de sociabilidade negra, sendo mais fácil encontrar mulheres lisas, cacheadas e crespas do que trançadas.

Atualmente, no Museu Treze de Maio, as mulheres trançadas recebem o mesmo tratamento que as crespas, ou seja, são tratadas como autênticas, pois as tranças são consideradas uma marca da negritude. Nas escolas de samba, além de marcarem um traço da negritude, em sua maioria, estão com os cabelos longos, como geralmente as passistas utilizam.

5.3 Cabelo e boa aparência para o trabalho.

Diante da prevalência do cabelo de raiz lisa, observado na maioria das mulheres brancas, dificilmente as alisadas sofrem discriminação por seu cabelo nos locais de trabalho, uma vez que estão tentando enquadrar-se no padrão capilar dominante. O cabelo liso, bem como o crespo com manipulações químicas (relaxamento ou permanente afro), é mais aceito em determinados ambientes de trabalho, porque está associado à representação de uma mulher com mais cuidado com sua aparência. De acordo com Figueiredo (1994), ser negro significa mais uma barreira nos mecanismos de seleção para vagas de emprego. Portanto, as pessoas tentam atenuar seus traços negroides com o anseio de conseguir um posto de trabalho.

O cabelo liso é considerado ideal em alguns ambientes de trabalho, assim como o cabelo crespo em determinados ambientes de sociabilidade negra, caso do Museu Treze de Maio. Por isso, as mulheres manipulam o seu cabelo de modo que possam jogar com diferentes identidades, já que, nas relações entre posição social e aparência, esta última surge como algo passível de ser transformado (GIACOMINI, 2006).

No que concerne às crespas, é importante lembrar que as mulheres pesquisadas que utilizam o *black power* são estudantes. Cabe salientar que esse fato pode estar relacionado à força de movimentos negros no âmbito estudantil, como o Coletivo Afronta¹⁶ da Universidade Federal de Santa Maria e as ações afirmativas destinadas a alunos negros. Essa conjuntura proporcionou um ambiente que tende a aceitar os cabelos crespos naturais, trançados, com *dreads* ou *black power* e que enfatizam os traços negroides. Porém, no momento em que as crespas entram no mercado de trabalho, sobretudo as de *black power*, podem deparar-se com um preconceito por parte dos chefes, colegas e/ou clientes, visto que, no ambiente laboral, a discriminação é mais explícita, principalmente quando o trabalho exige relacionamento com a clientela.

5.4 Cabelo e penteados para ir ao Museu Treze de Maio, às Escolas de Samba e às Solenidades.

Nos eventos do Museu Treze de Maio, é perceptível a vontade de africanizar dos negros santamarienses, e a estética é uma das maneiras de enfatizar a negritude, pois como afirma Gilroy (2001), a estética negra está relacionada a uma resistência negra e a uma forma de unificação dos negros espalhados pelo Atlântico Negro. Nos dias de eventos do Museu Treze de Maio, há um ritual de “reafricanização” estética das mulheres pesquisadas, pois elas comparecem ao Museu

¹⁶ O Coletivo Afronta é um movimento estudantil em prol da afirmação da identidade negra formado por acadêmicos de diferentes cursos da UFSM, desde 2010.

com uma aparência “africanizada”, ou seja, passaram por um ritual de preparação que envolve tempo e habilidade. Os turbantes aparecem dos mais variados estilos, mas, dessa vez, são maiores e mais coloridos do que os utilizados no dia-a-dia. Observaram-se batatas e colares coloridos, brincos e pulseiras em tom acobreado, maquiagens carregadas com menções às pinturas africanas no rosto e no corpo e, sobretudo, grande destaque para o volume capilar. Um elemento importante nesse ritual são a música e a dança. Nesses eventos, se apresentam a percussão da Companhia de Dança Afro Euwá Dandaras e algumas baterias de escolas de samba. A escolha da Euwá Dandaras torna o ritual “mais africano”, pois a dança e a percussão fazem menção a movimentos e ritmos africanos. Nesse momento, há uma grande interação dos participantes, sobretudo, quando a “batucada” toca e todos dançam. Parece haver uma unificação em torno de um passado em comum: a África. Os toques da percussão rememoram blocos afro-brasileiros, como o Olodum e o Ile Aiyê, e também os cantos das religiões de matriz africana. Muitos dos movimentos estão ligados ao giro dos orixás. Posteriormente, os frequentadores desses eventos postam fotos nas redes sociais com descrições como “sou negro sim!”.

Tal ritual de “africanização”, além de acentuar os traços negroides, cria elos entre os negros que foram espalhados pelo Atlântico Negro e os unifica em torno de um sentimento de um passado em comum. Segundo Giacomini (2006), dessa forma, instaura-se um sentimento de pertencimento a uma comunidade mais ampla: os negros da diáspora. No entanto, sabe-se que essa África é “imaginada”, uma vez que, quando os negros chegaram ao Brasil, miscigenaram-se com o índio e o branco. Cabe salientar que os sentimentos de perda de identidade são compensados pela procura ou criação de novos contextos e retóricas identitárias (AGIER, 2001). A partir disso, considera-se que essa África imaginada seja uma necessidade de identidade e reconhecimento da população negra. Todavia, não se deve dizer que essa África não tem importância por ser imaginada, uma vez que “parecer africano” ou “soar como africano” são, na verdade, o que torna as coisas “africanas” (SANSONE, 2007). Esse “imaginado encontro” dos afrodescendentes com seus ancestrais faz com que eles cultuem uma cultura e, conseqüentemente, uma música “negra” que é espontânea e demonstra suas vivências melhor do que o uso do discurso (GILROY, 2001) e que, além disso, possui mais eficiência política em prol dos direitos civis dos negros do que o uso da fala (PINHO, O., 2005). Tanto que o discurso do *Black is Beautiful* - no Brasil, *Negro é Lindo* - é mais bem observado na música, na dança e na estética do que nas exposições orais. Como salienta Gilroy (2001), a política da diáspora negra sempre envolveu a dança, a performance e a apresentação do corpo como ferramenta de expressão. Isso aconteceu porque os negros foram deixados de fora da esfera fundada na palavra. Por esse motivo, romperam a barreira com o discurso do corpo (GILROY, 2001).

Nos ensaios das escolas de samba, não aparecem adereços capilares com evidência, visto que as pessoas comparecem como estão no dia a dia. Há uma melhor preparação quando há um evento, como a apresentação das rainhas da escola, e estas surgem com maquiagens brilhosas e roupas de carnaval. Nesse ambiente, o cabelo e, conseqüentemente, os penteados, não evidenciam o volume capilar, mas sim o alongamento do mesmo e a definição dos cachos.

Quanto às comemorações que exigem mais formalidade, como casamentos, formaturas e bailes, o cabelo crespo é visto raramente. Nessas ocasiões também há um ritual de embelezamento, em que os traços negroides são atenuados. Nesse caso, as mulheres que não possuem condições para ir a um salão de beleza unem-se na casa de uma delas, fazem escova ou algum penteado umas nas outras, assim como a maquiagem. Geralmente, em cada grupo familiar ou de amigas, há uma “entendedoras de beleza” que maquia, arruma os cabelos e dirige o ritual.

Comparando os dois tipos de rituais de embelezamento da mulher negra, verifica-se que, no ritual para frequentarem festas e eventos no Museu Treze de Maio, o propósito é acentuar as características consideradas africanas, portanto, o sentido é “enegrecer” e “africanizar”. Ao contrário, no ritual de embelezamento para solenidades, como as formaturas, o propósito é atenuar os traços negroides para se enquadrarem nos padrões estéticos dominantes. Assim, o sentido aqui é “desafricanizar” ou “embranquecer”. Isso não quer dizer que essas mulheres estão “embranquecendo” ou “dasafricanizando”, mas, temporariamente, se enquadrando a uma exigência formal em que há padrões estéticos que devem ser cumpridos. Isso também não impede que algumas mulheres negras se utilizem desse espaço para acentuarem seus traços negroides, sobretudo deixando em evidencia o volume capilar, justamente para denunciar os padrões estéticos dominantes.

Embora ambos sejam ambientes de sociabilidade negra, há diferença entre as escolas de samba e o Museu Treze de Maio, pois as escolas de samba sofrem uma influência, sobretudo, do Rio de Janeiro, e o Museu Treze de Maio, de Salvador. Sansone (2007) enfatiza essa africanização da Bahia:

[...] a Bahia funciona como o oposto do Rio. No Rio de Janeiro, a manipulação, numa multiplicidade de formas, é vista como aquilo que constitui a espinha dorsal da criatividade cultural negra: os desfiles carnavalescos, apesar de extremamente comercializados e hierarquizados, ainda comemoram a mistura (sincretismo), o empréstimo e até a miscelânea cultural como inteligentes e belos, podendo a combinação deles resultar na conquista do primeiro lugar. [...] Assim, de certo modo, os porta-vozes dos negros, no Rio de Janeiro, voltam os olhos para a Bahia como a principal fonte da pureza africana, enquanto os porta-vozes dos negros da Bahia voltam os olhos para a África como a principal fonte de inspiração e legitimação do papel da Bahia como a Roma Negra das Américas. No Rio, a cultura negra tem sido reificada e mercantilizada, sobretudo em torno do carnaval, enquanto, na Bahia, mais ou menos na mesma época, desde os anos vinte até os anos cinquenta, a cultura negra foi construída como uma cultura religiosa e mercantilizada sobretudo em torno do universo simbólico do sistema religioso afro-brasileiro e de seus “objetos” africanos (SANSONE, 2007, p.106).

A partir disso, entende-se que, no Rio de Janeiro, prevalece uma brasilidade e, na Bahia, uma africanidade. Nas escolas de samba de Santa Maria, há uma perceptível miscigenação. Isso está relacionado ao fato de que o samba é um espaço brasileiro em que o negro se destaca e não um espaço negro, isto é, o samba congrega brasileiros de todas as matizes e não agrega somente os negros (GIACOMINI, 2006). Em contrapartida, no Museu Treze de Maio, os brancos são, em grande parte, apenas apreciadores e há uma grande influência da Bahia. Exemplo disso é o fato de a coordenadora da Companhia de Dança Afro Euwá Dandaras ter como referência alguns centros de cultura afro-brasileira da Bahia para compor as suas coreografias.

5.5 Cabelos e relacionamentos.

A manipulação capilar pode estar ligada à expectativa e/ou procura pelo parceiro ideal, visto que um dos fatores mais relevantes na vida das pessoas são os relacionamentos, pois eles dão suporte ao enfrentamento dos problemas da vida (SOUZA, 2008). Segue abaixo o organograma das mulheres que compõem o universo deste estudo, especificamente de seus status quanto aos relacionamentos.



Figura 1 – Mulheres pesquisadas versus relacionamento.

Percebeu-se, neste estudo, que o estilo capilar não é um fator determinante para o mercado matrimonial, tendo em vista a existência de mulheres alisadas e crespas, tanto solteiras quanto em um relacionamento amoroso. No entanto, para um melhor entendimento de como se estabelecem os relacionamentos amorosos nesta pesquisa, considera-se relevante levar em conta a escolha por parceiros negros ou brancos das mulheres pesquisadas.

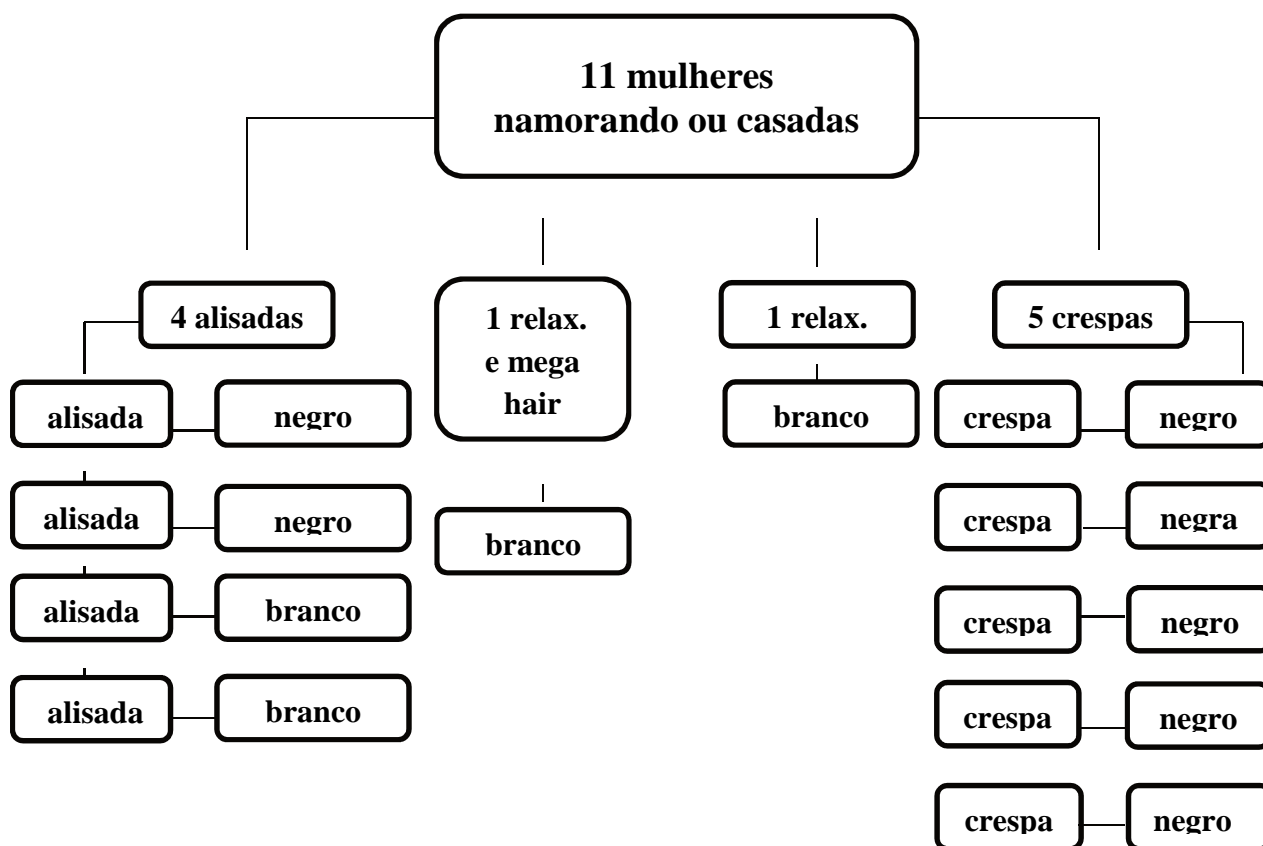


Figura 2 – Cor/raça dos parceiros das mulheres pesquisadas.

Percebe-se que dentre as entrevistadas, a maioria mantinha relacionamentos com negros: cinco crespas e duas alisadas. Em relação ao parceiro amoroso branco, havia duas alisadas e duas crespas com uso de manipulação química. Esse resultado pode estar associado a um dos locais da pesquisa de campo, pois todas as crespas que possuem um relacionamento amoroso frequentavam o Museu Treze de Maio, que é um ambiente de sociabilidade negra.

Sobre a escolha dos parceiros, um dado recorrente em campo estava relacionado à queixa das mulheres negras em relação aos homens negros que escolhiam parceiras brancas. Duas entrevistadas reclamavam: “os negros não querem saber das negras! Eles só querem saber das brancas!”. Assim também descreveu Souza (2008), em seu trabalho sobre a solidão da mulher negra.

No entanto, Frantz Fanon (2008), na obra *“Pele Negra, Máscaras Brancas”*, mostra que essa tentativa de embranquecimento também era verificada nas mulheres negras ao preferir um parceiro branco. Nesse estudo, o autor evidencia a sensação de inferioridade que os negros - homens e mulheres - possuíam em relação aos brancos, por volta da década de 1950, na França. A partir de então, tentavam apropriar-se de muitos aspectos da cultura europeia para assemelhar-se ao branco, como por exemplo, o fato de apoderar-se da língua francesa e de abandonar a crioula, bem como de preferir um relacionamento com uma pessoa de pele branca. Atualmente, vivemos outra perspectiva, em que os negros lutam pelo reconhecimento da sua negritude, quando assumem seu cabelo crespo natural.

É importante frisar aqui a repercussão que teve o trabalho de Souza (2008) sobre a solidão da mulher negra, nos grupos de discussões sobre relações raciais e de gênero em blogs na internet¹⁷. Parece que esse tema trouxe à tona alguns anseios e queixas de mulheres negras sobre seus relacionamentos e sobre sua solidão. É o que se percebe entre algumas das entrevistadas que, além de seguirem blogs sobre a mulher negra, publicam postagens em suas redes sociais se queixando da postura de homens negros que escolhem mulheres brancas como suas parceiras amorosas. Esse tipo de queixa é recorrente entre as mulheres da geração que possui de 20 a 30 anos e que fazem parte deste estudo. Isso mostra o quanto as mulheres negras sentem-se prejudicadas no mercado amoroso.

Cabe salientar que esse discurso de “eles só querem saber das brancas” também é visto no âmbito masculino, pois muitos homens negros se referem às mulheres negras que possuem um parceiro amoroso branco como “branqueiras”.

As mulheres na faixa etária dos 25 aos 35 anos disseram preferir os homens negros, mas enfatizavam que eles não as queriam: “Eu tenho preferência por homens negros, mas eles não olham pra mim, daí agora tanto faz”, disse uma das mulheres entrevistadas, a qual estava inserida na faixa dos 30 anos. Portanto, um dos motivos de algumas mulheres realizarem manipulações químicas capilares, como a utilização de *mega hair*, pode estar associado ao propósito de encontrarem ou manterem um parceiro amoroso. Os dados de campo demonstraram que as mulheres que tinham parceiros brancos realizaram manutenções químicas no cabelo.

Acredita-se que as mulheres negras enfrentam preconceito em relação ao seu cabelo, inclusive pelos homens negros, como Souza (2008) relata. No entanto, mesmo diante disso, a escolha pelo homem negro pode estar ligada ao fato de compartilharem um sentimento de negritude ligado a

¹⁷ Por exemplo, no Blogueiras Negras e no Blog Mulher Negra. Disponível em <<http://monicaaguaiarsouza.blogspot.com.br/2013/06/afetividade-negra-por-que-beijar-sua.html>>

uma ancestralidade comum. E como o cabelo é um sinal diacrítico de negritude, ele aproxima, nesse caso, a mulher negra do homem negro, e vice-versa. A partir disso, percebe-se que a mulher negra que tem um parceiro branco preocupa-se mais com essa diferença capilar entre ambos. E isso talvez seja um dos motivos que levam algumas mulheres negras a manipularem seus cabelos com química.

As mulheres que compõem o universo de pesquisa deste trabalho são mulheres negras que ascenderam socialmente, sobretudo no que concerne aos estudos: três são formadas em cursos de graduação, duas têm mestrado, três são estudantes de doutorado e uma possui doutorado. Dentre as citadas, quatro são solteiras. Todavia, como descrito anteriormente, as mulheres que se queixaram dos relacionamentos amorosos estão inseridas na faixa de 25 a 35 anos e, nesse caso, são escolarizadas. A partir disso, pode-se inferir que, à medida que as mulheres se escolarizam, elas acabam tendo mais dificuldades de contraírem relacionamentos estáveis. Pelos anseios e queixas das entrevistadas, percebe-se que a escolarização pode sim ser uma barreira para os relacionamentos de mulheres negras com homens negros. No entanto, não é somente o homem negro que se sente ameaçado por uma mulher mais escolarizada, mas também a mulher negra escolarizada se torna mais exigente. Ela almeja um parceiro em igualdade de condições, tanto no que se refere à escolaridade e à profissão quanto ao que se refere a posturas mais igualitárias nas relações de gênero entre os parceiros.

No início do século XX, houve o fortalecimento da ideia de um Brasil miscigenado que propiciava o branqueamento populacional. Tal miscigenação era fruto do intercurso sexual e afetivo entre negros, índios e brancos, presente nas relações sociais do cotidiano (SOUZA, 2008). Essa ideia de branqueamento existe até os dias atuais, pois para alguns homens negros, caso eles tenham filhos com mulheres brancas, poderão assim “branquear” a família.

Não estamos aqui para discutir se os homens negros preferem ou não as mulheres brancas. Também cabe salientar que eles possuem a sua liberdade de escolha e, além disso, é inviável falar em absolutismo negro em um país que é e sempre foi miscigenado. No entanto, é notável o fato de que muitos homens negros, principalmente os que ascenderam socialmente, preferem as mulheres brancas. De acordo com Souza (2008), é mais fácil encontrar um homem negro com uma mulher branca do que o contrário.

Considera-se que os parceiros, embora coadjuvantes no cenário capilar de suas mulheres, possuem um papel importante nas escolhas de suas companheiras, pois se acredita que, mesmo mediante um avanço da luta por igualdade de gênero nos dias atuais, a maioria das mulheres só realizaria uma mudança estética brusca, como um *big chop* por exemplo, com o incentivo, apoio ou, ao menos, a aceitação dos seus companheiros.

5.6 Considerações finais.

O cabelo possui significados singulares para cada tipo de pessoa, bem como está ligado ao fato de poder especificar um grupo, atuando como um sinal diacrítico. No entanto, para a mulher negra, nos dias atuais, o cabelo mostra, por um lado, uma luta contra o preconceito e, por outro, contra a imposição de como aquele deve ser utilizado.

Este artigo discorreu acerca das diferentes formas de manipulação do cabelo da mulher negra ligadas às múltiplas identidades vivenciadas por elas. Mostrou-se que a variável geracional explica, em parte, algumas escolhas, pois as mulheres mais velhas possuem dificuldades em utilizar o cabelo crespo natural, e as que utilizam passaram por um processo longo de aceitação deste. Em contrapartida, as mulheres de 20 a 30 anos são as que mais passaram por um processo de

transição. Para as mulheres mais jovens, a escolha de assumir o cabelo crespo natural não necessariamente está ligada a sua atuação em movimentos e/ou coletivos que lutam pelas causas negras, de modo que essas mulheres sentem-se mais à vontade para utilizá-lo.

As mulheres crespas são as que sofriam maior preconceito da sociedade em geral, contudo, esse preconceito, nos dias atuais, é atenuado pela força dos movimentos ativistas negros em prol da igualdade racial, bem como pelo processo de reafirmação e valorização da negritude. Em contrapartida, as mulheres alisadas sofrem uma pressão do Movimento Negro para assumirem seus crespos naturais. Cabe salientar que o Movimento Negro não é homogêneo, pois, pelo que este estudo demonstrou, a pressão para que as mulheres assumissem seus crespos naturais não era consenso dentro do movimento. Mesmo as alisadas, tão criticadas por alguns ativistas negros, se consideravam negras e tinham orgulho disso, uma vez que afirmavam que sentiam orgulho da sua negritude. Percebeu-se que o Movimento Negro tem um papel relevante em torno do cabelo crespo e, do mesmo modo, observou-se que as mulheres que utilizam manipulações químicas defendem-se ao enunciar que possuem sua liberdade de escolha.

O desejo de manipular o cabelo crespo para “definir melhor os cachos” era recorrente entre as mulheres negras pesquisadas aqui e também entre alguns grupos observados na internet. A pesquisa demonstrou que o cabelo crespo com “cachos definidos” era o ideal de cabelo para a maioria das mulheres. Dessa forma, elas conseguiam manter uma característica importante do cabelo afro, que é ser crespo, aliado a uma característica do cabelo tido como padrão de beleza e de boa aparência, que é ter “cachos definidos e mais abertos”.

Observou-se que as mulheres alisadas não modificam muito a sua estrutura capilar para ir a determinados lugares. As crespas que realizam manipulações químicas, consideradas aqui “meio termo”, são as mulheres que mais experimentam diferentes tipos de manipulação e costumam ir a diferentes lugares com distintos estilos de cabelo. O *mega hair* era visto como uma tentativa de embranquecimento por uma parte do Movimento Negro, e as tranças, mesmo que utilizadas como apliques, da mesma maneira que o *black power*, eram vistas como símbolos de uma identidade negra, não somente sob o olhar do movimento, mas também de entrevistadas que não estavam ligadas diretamente ao ativismo negro. A boa aparência para o trabalho foi um dado recorrente entre as mulheres observadas, visto que o cabelo considerado ideal para os ambientes de trabalho não é o crespo. Como a aparência é passível de ser modificada, muitas mulheres amenizam seus traços negroides em momentos em que julgam necessário.

Em relação ao mercado matrimonial, a maioria das mulheres do presente estudo possui um relacionamento estável, sendo que os seus parceiros são, em maior número, negros. Observou-se que as mulheres negras que possuem um parceiro branco realizam manipulações químicas capilares e, portanto, acredita-se que os seus relacionamentos amorosos expliquem, em parte, o porquê de suas escolhas capilares. Quanto às solteiras, ressaltam-se as queixas de algumas delas em relação à solidão e à preferência dos homens negros pelas mulheres brancas. Tais queixas eram mais presentes nas mulheres de 25 a 35 anos, escolarizadas, o que indica que, à medida em que se escolarizam, elas tornam-se mais exigentes em relação a um parceiro amoroso.

Com este estudo, foi possível compreender o contexto da manipulação capilar e suas significações. O cabelo está relacionado à trajetória e à experiência de vida dessas mulheres, bem como à boa aparência para o trabalho e a uma estética associada a espaços de sociabilidade negra. Considera-se que este trabalho pôde ampliar o conhecimento das relações étnico-raciais a partir da estética negra, visto que, através dela, é possível compreender com mais consideração as relações étnico-raciais e as escolhas individuais.

REFERÊNCIAS

- AGIER, Michel. **Distúrbios identitários em tempos de globalização**. Rio de Janeiro: Mana, vol. 7, nº 2, p. 7-33, outubro, 2001.
- ALMEIDA, Armando. **A contracultura e a política que o Ilê Aiyê inaugura: relações de poder na contemporaneidade**. Tese de Doutorado em Cultura e Sociedade – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2010.
- BARTH, Fredrik. Os Grupos Étnicos e suas Fronteiras. *In: O Guru, o Iniciador e Outras Variações Antropológicas*. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2000.
- COUTINHO, Cassi Ladi Reis. **A estética dos cabelos crespos em Salvador**. Dissertação de Mestrado em História Regional e Local, Universidade do Estado da Bahia, Santo Antônio de Jesus, 2009.
- FANON, Frantz. *Pele negra, máscaras brancas*. Tradução de Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008.
- FELIX, Sayara de Brito. **Cabelo bom, cabelo ruim: A construção da identidade afrodescendente na sala de aula**. Revista África e Africanidades, ano 3, nº 11, novembro 2010.
- FIGUEIREDO, Ângela. **Beleza Pura: Símbolos e economia ao redor do cabelo negro**. Monografia de Graduação em Antropologia, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 1994.
- GIACOMINI, Sonia Maria. **A Alma da festa**. Família, etnicidade e projetos num clube social da Zona Norte do Rio de Janeiro, o Renascença Clube. Belo Horizonte: Ed UFMG; Rio de Janeiro: IUPERJ, 2006.
- GILROY, Paul. **O Atlântico Negro: modernidade e dupla consciência**. Rio de Janeiro: Universidade Candido Mendes; Centro de Estudos Afro-Asiáticos, 2001.
- GOMES, Ana Paula Pereira. **O negro em propagandas televisivas de produtos de higiene e beleza: reformulações da imagem e produtos de beleza**. XXX Reunião da Anpocs, Caxambu, 2006.
- GOMES, Nilma Lino. **Sem perder a raiz: corpo e cabelo como símbolo da identidade negra**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.
- LODY, Raul. **Cabelos de Axé: Identidade e resistência**. Rio de Janeiro: Editora Senac Nacional, 2004.
- MONTEIRO, Artemisa Odila Conde. **O processo de construção da identidade negra em Teresina: o caso do grupo afro-cultural Coisas de Nego**. Dissertação de Mestrado em estudos étnicos e africanos, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2008.
- PEREIRA, João Babtista Borges. **Diversidade e pluralidade: o negro na sociedade brasileira**. Rev. USP nº.89 São Paulo mar./maio, 2011
- PIRES, Karen Tolentino de. **“Crespa ou Alisada”**: os diferentes significados da manipulação do cabelo afro entre mulheres negras da cidade de Santa Maria-RS. Dissertação de Mestrado em Ciências Sociais, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2015.
- PINHO, Osmundo de Araújo. **Etnografias do brau: corpo, masculinidade e raça na reafirmação em Salvador**. Revista Estudos Feministas, vol.13, nº 1, p.127-145, abr. 2005.
- PINHO, Patrícia de Santana. **Reinvenções da África na Bahia**. São Paulo: Annablume, 2004.

QUEIROZ, Renato da Silva; OTTA, Emma. Beleza em foco: condicionantes culturais e psicobiológicos na definição da estética corporal. In: QUEIROZ, Renato da Silva (Org.). **O corpo do brasileiro: estudos de estética e beleza**. São Paulo: Editora SENAC São Paulo, 2000.

RECHENBERG, Fernanda. **Imagens e trajetos revelados**: estudo antropológico sobre fotografia, memória e a circulação das imagens junto a famílias negras em Porto Alegre. Tese de Doutorado em Antropologia Social, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012.

RISÉRIO, Antônio. **Carnaval Ijexá**. Salvador: Corrupio, 1981.

SANSONE, Lívio. **Negritude sem Etnicidade**: o local e o global nas relações raciais e na produção cultural negra do Brasil. Salvador/Rio de Janeiro: EDUFBA/Pallas, 2007.

SANTOS, Tanimara Elias. **Corporalidade e identidades políticas**: análise de elementos estéticos em mulheres negras do Distrito Federal. Monografia de Conclusão de Curso em Antropologia, Universidade de Brasília, Brasília, 2009.

SOUZA, Claudete Alves da Silva. **A solidão da mulher negra**: sua subjetividade e seu preterimento pelo homem negro na cidade de São Paulo. Dissertação de Mestrado em Ciências Sociais, Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 2008.